

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18. n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 183	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	\$380	\$1900	\$950	\$120	21 DE JANEIRO 1884	LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42 Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas (idém)	\$4000	\$2000	—\$—	—\$—		
Estrangeiro (união geral dos correios)	\$5000	\$2500	—\$—	—\$—		

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha coisa de um mez, pouco mais ou menos, os jornaes francezes enchiam as suas columnas com a noticia de um escandalo enorme, escandalo que fez grande ruido em Paris pelos nomes celebres que n'elle figuraram, e que fez tambem grande sensação em Lisboa, onde a alta personagem do mundo artistico, auctora do escandalo, é muito conhecida, e foi já o acontecimento predominante da capital durante tres dias e tres noites.

Tratava-se de Sarah Bernhardt, d'essa mulher extranha e original que tem enchido o mundo com o ruido das suas aventuras excetricas e do seu extraordinario talento, d'essa individualidade estapafurdia, extravagante, mas colossal, que marcou já o seu logar na historia theatral do nosso seculo, pelo conjunto exotico dos seus funambulescos reclamos de saltimbanca e das suas creações deslumbrantes de actriz genial.

Contavam os jornaes francezes, que na vespera da primeira representação de *Nana Sahib*, no theatro da Porte Saint Martin, Sarah Bernhardt se dirigira acompanhada de um chicote, que lhe dera o marechal Canrobert e do sr. Jean Richepin, um poeta de talento, que substituiu junto da grande actriz o sr. Jacques Damala, que vimos no Gymnasio de Lisboa, a casa da actriz Maria Colombier, e como a não encontrasse a ella logo nas primeiras casas, correu todos os aposentos, quebrando e espatifando tudo que encontrava sobre as mezas, e que finalmente podendo apanhar Maria Colombier quando ella fugia pela escada de serviço, a chicoteára nas faces, emquanto que o sr. Richepin dava umas facadas no sr. Paul Bonnetain, que estava em casa da Colombier, e procurava defendel-a, atirando-se a Sarah Bernhardt.

Esta extranha scena fóra precedida de uma visita de Mauricio Bernhardt a Maria Colombier, visita em que o filho da celebre actriz injuriára ferozmente aquella que acompanhára sua mãe na viagem á America, terminando por ameaçal-a com pancadas; e de um duello entre o sr. Bonnetain, o paladino de Maria Colombier, e o sr. Octave Mirbeau, o auctor de um notavel artigo acerca dos actores, que ha pouco tempo fez muita bulha em Paris e motivou a sahida de Mirbeau da redação do *Figaro*, e que na questão actual tomára na imprensa parte energica a favor de Sarah Bernhardt contra Maria Colombier, insultando vivamente o sr. Bonnetain, que prefaciára o livro *Sarah Barnum*, motivo de todo este escandalo.

Até ao dia em que os jornaes francezes noticiaram esta serie de aventuras tragi-comicas, ninguem em Paris tinha lido o tal livro *Sarah Barnum*, e ninguem em Lisboa sabia da existencia d'elle.

Sarah Bernhardt porém pô-o em evidencia, fez-lhe um *reclame* monstro, tão extraordinario, tão americano, e diga-se a verdade, tanto á Sarah Bernhardt, que muita gente antes de ler o livro ficou julgando que toda aquella scena de violação de domicilio, de chicotadas, e de punhaladas, eram valores entendidos entre as duas antigas amigas.

Até ali ninguem fóra de França, que não se guisse com certa attenção o movimento theatral moderno, sabia sequer da existencia d'essa tal Maria Colombier, uma actriz mediocre, e que como escriptora vale pouco mais do que como actriz.

No dia immediato esse nome e o de Paulo Bonnetain, tambem um desconhecido da vespera, andavam em todas as bocças, e o escandalo fizera um *successo* de curiosidade a esse livro *degoutant*

que se chama *Les memoires de Sarah Barnum*. Fomos tambem atacados d'essa curiosidade, e oito dias depois da noticia do escandalo recebiamos de Paris a *Sarah Barnum* que já estava na sua 49.ª edição!

A estas horas deve já ter passado da centesima, Sarah Barnum é simplesmente *un tas d'ordures* como dizem os francezes.

Não prova nada contra Sarah Bernhardt; contra quem prova é contra a dissolução medonha da França.

Em todo o tempo tem havido, em todas as litteraturas, livros pornographicos; *Sarah Barnum* porém excede tudo quanto se tem feito no genero, não porque seja litterariamente mais bem feito que os outros, não porque seja mais picante do que elles, mas porque é mais abjecto, mais ultrajante, mais repellente, e porque além de tudo isso o auctor não se envergonha de o firmar com o seu nome, e esse auctor é uma mulher!

Já não é a litteratura dos aphrodisiacos, é a litteratura da lama. Ao lerem-se tres ou quatro paginas, sentem-se nauseas, todos os symptomas de um envenenamento por putrefacção.

Tudo aquillo são podridões e o modo como esse esterco se póde amontoar publicamente n'um livro, ao passo que a hygiene publica prohibe as estrumeiras nos quintaes, a liberdade com que esse guano litterario se vende na França e se exporta para o estrangeiro é um symptoma profundamente desconsolador do nivel moral dos tempos que vão correndo.

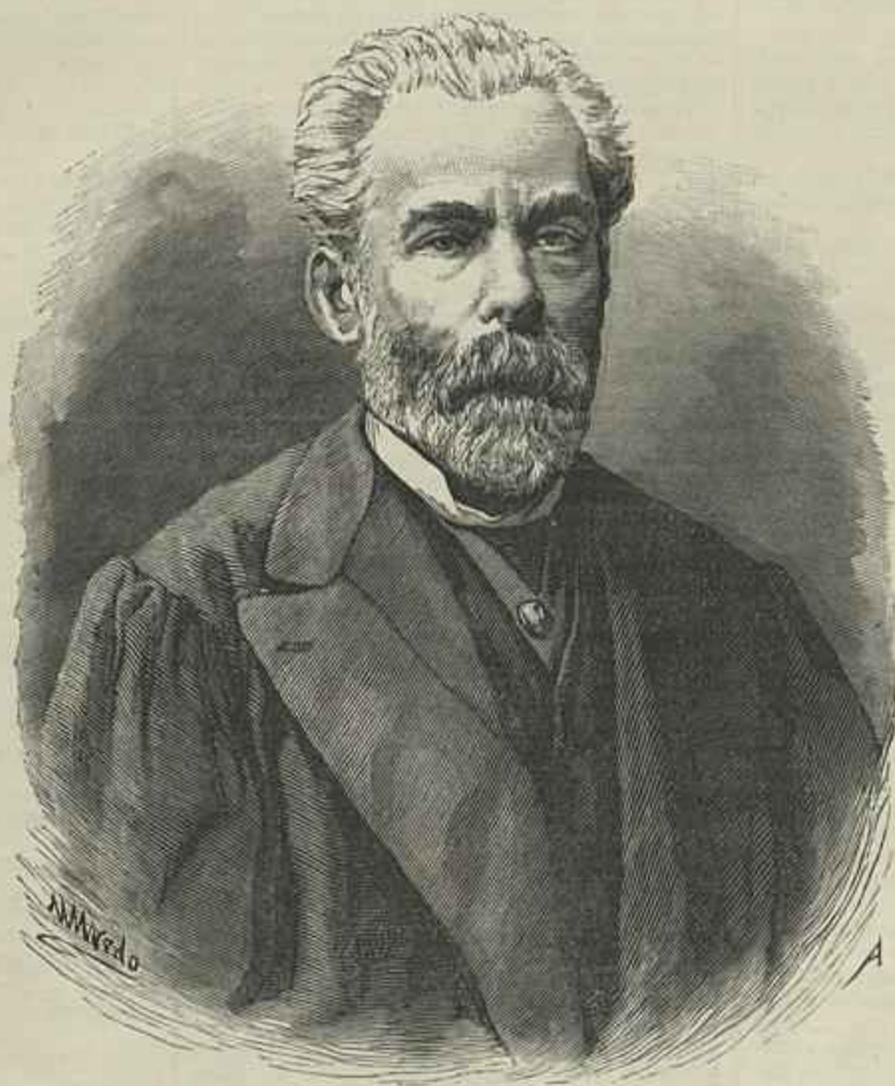
Até agora estes livros faziam-se, mas faziam-se ás escondidas, vendiam-se na sombra, clandestinamente como se fazem todas as más acções.

No tempo do ultimo imperio appareceu um livro em que, como n'este, se insultavam personalidades conhecidas nas narrações *grivoises* dos mysterios pornographicos das alcovas. Mas esse livro não tinha nome de auctor, a sua venda era prohibida em França, as suas edições não se esgotavam nos milhares, e todos os seus ultrages tinham apenas o valor negativo dos ultrages anonymos.

Sarah Barnum tem um nome a firmar esses insultos, e depois de se ler esse livro comprehende-se o procedimento de Sarah Bernhardt.

E por um momento Maria Colombier esteve quasi a fazer um livro interessante.

Actriz como Sarah Bernhardt, sua amiga intima nos primeiros tempos, sua companheira na viagem triumphante pela America, já no tempo da sua plena gloria, Maria Colombier podia ter feito uma biographia completa, minuciosa, da grande actriz, tanto mais curiosa,



ANTONIO DA SILVA TULLIO — FALECIDO A 4 DO CORRENTE
(Segundo uma photographia de Fritz)

quanto a inimidade actual de Maria Colombier lhe podia dar uma franqueza, na verdade, rara de encontrar em biographos contemporaneos.

Conhecendo perfeitamente toda a vida de Sarah Bernhardt, senhora completamente do seu caracter extravagante, original, complexo, Maria Colombier, podia ter despidido esse caracter publicamente, tel-o dissecado com a frieza serena de um medico, não mascarando um defeito, não encobrindo uma qualidade, não exagerando o mal nem o bem, não procurando ser agradável nem desagradável ao personagem que estudava, e ter-nos dado assim uma historia curiosissima d'essa actriz extraordinaria, que tem um talento tão enorme, que galga acima de todas as extravagancias da sua vida de mulher, e irradia na arte moderna em lugar proeminente e unico.

Mas Maria Colombier não foi bastante escriptora, bastante senhora e bastante artista para fazer isto.

Ou Sarah Bernhardt é realmente muito grande, tão grande que a verdade nua e crua não a pôde amesquinhar, ou Maria Colombier não soube ser inimiga ao mesmo tempo que artista, e escrevendo esse livro de *Sarah Barnum*, em que esgotou todas as coleras reles e grosseiras de uma *Mère Angot* de peor genero, só se enlameou a si procurando enlamear a grande actriz.

Alberta Wolff, o notatol critico parisiense, disse lh'o já n'um bello artigo em que verberou com justa indignação o mau livro, que é peor do que isso, que é uma má acção, de Maria Colombier, artigo tanto mais notavel e importante, quanto havia em todo elle um tom de sympathia dolorida por aquella que se esquecera de que era mulher e de que era actriz a ponto de assignar as *Memorias de Sarah Barnum*.

Temos gasto tempo de mais, talvez, com este livro que só tem o valor do escandalo; mas é que, ao successo de Paris correspondeu immediatamente o successo de Lisboa, todos os volumes da *Sarah Barnum* que vieram para os nossos livreiros se esgotaram n'um momento, e que portanto é quasi tambem um acontecimento de Lisboa pelo nome de Sarah Bernhardt, e pelo successo de curiosidade o livro de Maria Colombier, a que se tem succedido n'uma escala ainda descendente, o que custa a crer depois de o ler, as brochuras ignobes com que os pornographistas parisienses aproveitam o ensejo de dar caçada aos francos dos curiosos ingenuos.

Acaba de se fundar em Lisboa um estabelecimento de alta importancia social e moral, e cuja falta se fazia de ha muito sentir: — é a *Associação dos Asylos de educação de costureiras e criadas de servir*.

Estas escolas de ensino profissional de muito salutar uso no estrangeiro eram até agora desconhecidos entre nós.

Os asylos destinados ás orphans e ás raparigas pobres, recebem-n'as, sustentam-n'as e educam-n'as até uma certa idade.

Chegada essa idade as asyladas teem de procurar a sua vida, e de sahir do asylo, para dar logar á entrada das outras creanças, que requerem os cuidados que n'esses asylos encontram.

Exactamente no momento em que ellas saem do asylo é que é a idade dos perigos, a epoca da vida em que ellas precisam mais de tutela e de guia.

É n'essa idade que o novo asylo agora fundado as vae buscar e educar segundo as suas aptidões.

N'esse asylo haverá escolas praticas profissionais, officinas de trabalho, onde essas raparigas aprenderão a engommar, a ensaboar, a pentear, a cosinhar, a fazer vestidos, a fazer chapéus, todas as profissões em summa, que lhes possam garantir o seu futuro como criadas, ou consinheiras, ou costureiras, ou governantes, etc.

Não é necessario grande esforço de reflexão para comprehender todo o alcance moral d'este novo asylo, todo o bem que elle vem fazer, um bem geral, porque se afasta dos perigos da in-experiencia, do abandono, da inhabilidade, muitas raparigas ensinando-lhes profissões uteis com que podem ganhar honradamente a sua vida, por outro lado vem educar essa enorme classe de serviças, educal-a tanto nas suas respectivas profissões, como nos seus habitos e costumes, o que é uma garantia para todos que dos trabalhos d'elles necessitam.

A nova associação que já tem os seus estatutos approvados, conta no numero dos seus socios S. M. a Rainha, e a sua direcção é composta de damas e cavalheiros bem conhecidos pelos excellentes dotes dos seus caracteres.

A inscripção de socios está aberta, e é perfeitamente voluntaria a annuidade ou mensalidade com que se queira concorrer para a sustentação d'esse asylo.

O ultimo paquete do Rio de Janeiro trouxe-nos uma triste noticia. Estava alli muribunda, condemnada por todos medicos, a actriz Esther de Carvalho, que fez parte da companhia do theatro da Trindade, onde alcançou grandes triumphos.

Esther de Carvalho pertencente a uma familia abastada da provincia, fugira de casa para se dedicar ao theatro, onde o seu talento e a sua educação cuidada lhe deram rapidamente certa nomeada.

Esther partiu para o Rio de Janeiro ha dois annos com o actor Ribeiro.

Pouco depois de lá chegarem Ribeiro morreu de febre amarella: e agora as ultimas noticias dão-nos Esther agonisante.

Foi triste a viagem dos dois illustres artistas, triste para elles e para o theatro portuguez.

Gervasio Lobato.

ANTONIO DA SILVA TULLIO

I

O presente artigo não tem, nem podia ter, pretenções a uma biographia. Os estreitos limites do nosso jornal, e sobretudo a insufficiencia de quem estas linhas escreve, não saberiam por modo algum satisfazer as exigencias do que naturalmente está pedindo um largo elogio academico vazado em formas condignas.

Isto que vae ler-se, não é mais do que meia duzia de traços ao de leve esboçados, e destinados a acompanhar o retrato com que o OCCIDENTE hoje enobrece a galeria dos seus finados illustres.

Isto não significa mais do que um punhado de goivos desfolhados como tributo humilde sobre a campa d'aquelle que a patria acaba infelizmente de perder, e cujo logar vago não achará talvez quem o preencha.

Vão rareando as fileiras d'essa cohorte laboriosa e productiva com que, meiado o seculo XIX, ficou brillantemente assignalado em Portugal o cultivo das bellas-letras e das bellas-artes.

Hoje os moços, — aquelles, — a quem cumpria succeder-lhes, herdando-lhes tão invejavel, tão valioso legado, — não sabem e (triste é dizel-o!) não querem continuar as tradições gloriosas d'esses venerandos mestres, em cuja formosa religião eu — obscurissimo discipulo — tive ainda a suprema dita de ser educado.

Hoje os rapazes (que desconsoada, que indecorosa velhice, que elles para si proprios estão creando!) parece até fazerem gala de não conhecer quem os precedeu, e quem tantos subsidios lhes deixou, subsidios de um alto valor e de uma riqueza incalculavel para quem saiba e queira dar-lhes o devido apreço e usufruir-lhes o verdadeiro proveito!

Antonio da Silva Tullio pertencia ao privilegiado grupo d'esses benemeritos obreiros, cuja successiva perda tão irremediavelmente se vae fazendo sentir nos nossos arraiaes litterarios.

Silva Tullio! ao escrever este nome, estremecem-me dolorosamente os bicos da penna, e confrange-se-me angustiosamente o coração sob um vivissimo sentimento de saudade.

E' que em Silva Tullio não estava só um estudioso, um erudito, um investigador incançavel, um profundo sabedor. Não estava só o promotor e o animador de tudo quanto respirasse engrandecimento e gloria para o nosso paiz. Estava apar d'isto o amigo, o conselheiro. Estava apar da cabeça o coração. Estava apar da intelligencia o sentimento. Estava a apar de um grande espirito um copioso thesouro de adoraveis virtudes.

II

«O pae do Tullio era um official realista, homem muito honrado, velhinho baixo, sequinho, e com o cabello todo branco, branco de neve. Lembra-me perfeitamente. Quando elle morreu (occupava então na Travessa da Era, o 2.º andar do predio que no lado oriental faz esquina para a Calçada do Combro) escreveu-lhe o filho um necrologio, que imprimiu na *Nação*, como piedosa homenagem á sinceridade dos principios inquebrantavelmente professados por seu pae.»

Por estas palavras se expressava o erudito official da Bibliotheca Nacional de Lisboa, José Gomes Goes, quando, ha pouco, a pedido meu, lhe solicitava apontamentos biographicos de Silva Tullio o commum amigo de todos tres, visconde Julio de Castilho.

Creado n'aquella austera religião do dever e n'aquelles dictames de probidade inconcussa, que

tanto se vão tristemente relaxando n'esta epoca fatal de transição, — não admira que o filho reflectisse as apreciaveis qualidades do pae e constituisse em todo o decurso da sua vida um formoso conjuncto das mais estimaveis qualidades.

III

Dezoito annos contava apenas Silva Tullio quando em 1836 (aos 28 de Dezembro) entrou como escripturario para o cartorio do solicitador Francisco José de Caldas Aulete, que então habitava em predio seu situado no local onde actualmente existe o vasto edificio da Escola Academica.

N'uma parte do que hoje se acha convertido em pateo da referida escola, existia por aquelle tempo uma pequena casa, para onde se mudára, depois de enviuar de suas primeiras nupcias, o inspirado poeta do *Amor e Melancolia*. Foi alli que o mavioso cantor da *Primavera* buscou suavisar entre arvoredos, e no seio de amigos que em sua casa reunidos formavam uma especie de academia litteraria, as exeruciantes saudades que lhe deixára em sua alma a poetica e luminosa imagem da recolhida do Vairão.

Foi alli tambem que Silva Tullio começou a conhecer e a tratar o futuro cantor do *Outono*, o sublime interprete de Ovidio, de Virgilio e de Anacreonte, o nacionalizador de Molière de Goethe e de Shakspeare, o creador enfim de todos esses primores com que na litteratura portugueza ficou eternizado o nome do primeiro visconde de Castilho; foi alli que entre ambos se travaram desde logo estritissimos laços de amizade, nunca afrouxados; foi alli que, por intermedio de Antonio Feliciano de Castilho, Silva Tullio travou não menos estreitas relações com Almeida-Garrett e com Alexandre Herculano.

Os dotes intellectuaes e moraes do joven escripturario, apar das suas tendencias constantemente estudiosas, e do seu genio laborioso nunca dementido, inspiraram bem cedo no animo do solicitador Caldas Aulete a mais sincera, a mais profunda, a mais decidida sympathia por Silva Tullio; e d'este seu affecto lhe deixou grato testemunho nas merecidas provas de muita e muita consideração com que sempre affavelmente o tratou, vendo n'elle menos um extranho que um dilecto membro de familia.

— «Posso morrer descansado (exclamava o velho Caldas, pouco antes de expirar), porque deixo em minha casa como verdadeiro filho um homem de bem.»

IV

Caldas Aulete não se enganára. Em todos os actos da sua vida, Silva Tullio foi um homem de bem ás direitas, — e no seio da familia Caldas um filho extremoso.

No seio da familia Caldas é que Silva Tullio constituiu as doçuras do seu mais intimo affecto e concentrou as ternuras da sua alma, escolhendo para esposa uma das filhas do velho solicitador, — D. Anna Caldas, — uma dama de elevado espirito e de coração angelico. Tinha andado com ella ao collo, tinha-a sustido nos braços em pequenita, tinha-a visto crescer e desabrochar; — d'ella fez em 1858 a dilecta companheira da sua existencia. E ella ahí está hoje, a inconsolavel, tristemente debulhada em lagrimas!

D'aquelle consorcio, que para Silva Tullio docemente significava o risonho inflorar da vida, brotou, festejado e acolhido com todo o exuberante alvoroço que só almas de poeta sabem sentir, um tenro fructo auspiciosissimo. Consubstanciára-se n'uma filhinha adorada a fusão d'aquelles dois amores. Dir-se-hia a visão phantastica do paraizo que surgira radiante aos olhos deslumbrados do pae e da mãe. Se havia felicidade completa, era aquella.

E entretanto... aquelle ditoso lar tinha de passar pela mais dolorosa das angustias! Um dia... fechou os olhos á vida aquelle ente pequenino e gentil, em que se haviam fagueiramente crystallizado todos os aureos sonhos, todos os fervorosos votos, todos os anhelos, todas as esperanças, todas as ambições dos dois que entre beijos e caricias lhe davam o suavissimo nome de filha.

Assim... quando a creancita morreu, Silva Tullio parecia um doido! — e desde então nunca mais dentro d'aquella alma poudo raiar, completamente limpo de nuvens, um lampejo de verdadeira alegria.

(Continua)

Xavier da Cunha.

Carlos Relvas e seu barco Salva-vidas

O OCCIDENTE publicando hoje o retrato do sr. Carlos Relvas e reproduzindo em gravura o

barco salva-vidas por s. ex.^a inventado, e experimentado ha semanas na foz do Douro, com o mais notavel resultado, trata de um assumpto dos mais humanitarios e grandiosos — a salvacão dos naufragos, e de uma das individualidades mais sympathicas e mais illustres da nossa terra — o sr. Carlos Relvas: o artista exímio, o destro cavalleiro, o toureiro audacioso.

O sr. Carlos Relvas é quasi que um typo lendario dos velhos tempos cavalheirosos, transportado para a actualidade, e accomodando aos usos e costumes de hoje, o valor, a audacia, a lealdade, a bizzaria e o cavalheirismo que eram os predicados dos antigos *preux*.

Riquíssimo, possuindo a mais abastada casa da Gollejá, que transformou ao mesmo tempo n'uma das mais formosas villas do nosso paiz, o sr. Carlos Relvas em vez de gozar, na ociosidade inutil, dos seus rendimentos ou de atirar pelas janellas fóra os seus contos de réis em extravagancias ruidosas e improductivas, dedicou-se tenazmente, applicou toda a sua bella intelligencia, a uma arte difficilissima para ser arte, a photographia; e a sua vontade, o seu estudo, o seu gosto artistico, auxiliado pela sua riqueza, que lhe permittiu fazer do seu *atelier* de amador, um *atelier* perfeito e completo, como nenhum havia em Portugal, lançou um bello dia para a publicidade umas photographias primorosas, e que levantaram um coro unisono de louvores, e que correndo mundo, por entre todas as exposições artisticas mais brilhantes, lhes valeram os primeiros premios e a nomeada justissima de um artista *hors ligne*, tanto no seu paiz como fóra d'elle.

Ao mesmo tempo sendo artista, Carlos Relvas, não deixou de ser *gentil-homme campagnard*.

Quando larga as suas machinas de photographo, monta nos seus cavallos de lavrador e de *sportman*, e nas suas caudalarias encontram-se os mais bellos cavallos de Portugal, e nos hyppodromos não se encontra cavalleiro que o vença em elegancia, em serenidade, em destreza.

Mas Carlos Relvas é um *grand seigneur* peninsular, é um lavrador da Gollejá, as nossas grandes lezírias, e portanto não podia deixar de ser um toureiro. Mas como elle é toureiro!

Levou para as lides com os touros quer no campo aberto, quer nas corridas em fóma, toda a sua elegancia gentil, toda a sua arte primorosa de cavalleiro, toda a sua coragem serena de um valente, toda a sciencia complexa de um *diestro*.

E é vél-o na arena, em frente do boi, no seu formoso cavallo, com a impassibilidade risonha de quem não teme os perigos. E o cavallo corre, avança para o boi, curva-se, ergue-se, e Carlos Relvas sereno e firme no seu selim, nem um momento desmancha a sua elegancia de *sportman*, a sua arte de toureiro.

E d'ahi as ovações entusiasticas do publico a quem o seu sangue frio fascina, d'ahi a sua reputação gloriosa, de que elle se serve todas as vezes que ha uma boa obra a fazer, uma grande miseria a mitigar.

E além de tudo bom, generoso, querido, Carlos Relvas é a providencia dos pobres da sua terra, a sua casa está sempre aberta na antiga hospitalidade portugueza, que tanto vae rareando, e bizzaro e generoso com os ricos, é generoso e bizzaro com os pobres o que é muito menos vulgar ainda.

Ha tres annos tendo assistido a um naufragio na barra do Douro, Carlos Relvas applicou logo a sua intelligencia e a sua actividade n'um novo intento, n'um novo caminho, em descobrir a maneira de mais rapidamente, mais seguramente, acudir aos naufragos, quando o mar é indomito, e o perigo é implacavel.

E durante tres annos o illustre artista, o afamado toureiro, que é tambem agora um glorioso benemerito, não descansou.

Como sempre, a vontade intelligente e tenaz triumphou de todas as difficuldades e em outubro do anno findo Carlos Relvas dirigia ao ministro da marinha o seguinte requerimento:

Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.

Da profunda impressão que me deixaram algumas scenas dolorosissimas de naufragios, que presencié na barra do Porto, nasceu no meu animo o vehemente desejo de fazer construir um barco salva-vidas, que se avantajasse áquelles que estão geralmente adoptados e que muitas vezes são impotentes em presença da furia do mar. Ha tres annos que os meus trabalhos para esse fim, tiveram começo; ficando inutil o primeiro barco construido. Agora porém, julgo ter realisado, senão em absoluto, pelo menos approximadamente, esse meu empenho, pois experimentando ha poucos dias na Foz, o meu novo barco, tive a satisfação de certificar-me da sua estabilidade extraordinaria, por vezes rasgando as ondas, e não se deixando im-

pellir por ellas de modo a perder o espaço que tinha avançado. Os seus tripulantes de prompto adquiriram n'elle uma grande confiança, procurando os pontos mais embravecidos do mar.

As condições d'esse novo salva-vidas, parece-me que bastante se aproximam das de um bom nadador que trespassa e vence ondas alterosas.

Desejando que a realisacão do meu pensamento, seja confirmada por meio de uma experiencia official, venho rogar a V. Ex.^a, se digne ordenal-a, desejando eu tambem, partilhar da sorte do pessoal da mesma experiencia, accompanhando-o.

Junto a este meu pedido, oito photographias do meu barco salva-vidas, e por ellas V. Ex.^a verá com facilidade, que é inteiramente diverso dos outros barcos de salvacão.

Submetto pois, este modello, á illustrada apreciacão de V. Ex.^a e das pessoas que V. Ex.^a se digne de encarregar da experiencia definitiva.

Respeitosamente aguardo a resoluçãõ de V. Ex.^a

E. R. M.

Lisboa — Outubro de 1883.

Carlos Relvas.

O ministro deferiu logo esse requerimento e nomeou uma commissão composta dos srs. Luiz da Cunha de Mancellos, engenheiro naval, João Capristano de Sousa Neves, capitão de mar e guerra, e Manuel Luiz Monteiro, piloto mór da barra do Porto, para assistir á experiencia do novo barco salva-vidas.

No dia 7 de novembro realisou-se a experiencia na Foz do Douro.

O mar estava de molde para essa experiencia. Agitava-se furiosamente, e erguia-se em grossas vagas junto da barra, pondo em perigo, ás vezes, os pequenos barcos que a ellas se atreviam.

O novo barco salva-vidas que sob a direcção de Carlos Relvas fóra construido pelo sr. José Paulino Ignacio, de Villa Nova de Gaya, dirigiu-se para a entrada da barra, onde o mar era mais forte tripulado por Carlos Relvas, pelo sr. Joaquim Ferreira Vizeu, piloto da barra do Porto, e por oito remadores, cujos nomes damos aqui para ficarem juntos ao registro d'essa notavel experiencia, Joaquim Alves, Manuel Pedro Ferreira, Luiz Pereira Sardo, Guilherme Ferreira, Antonio da Silva Paes, Manuel da Silva Paes, Manuel da Silva Oliveira, José Ferreira e Manuel Luiz Gonçalves.

Ao mesmo tempo partiu tambem, para servir de comparacão ao moderno barco, o antigo salva-vidas, tripulado por 12 remadores, o respectivo patrião, o sr. Mendes Leite, ajudante do chefe do departamento maritimo, e o sr. Mancellos, engenheiro naval.

Os tripulantes de ambos os barcos iam todos munidos de boias de salvacão cingidas em roda do tronco.

N'uma catraia da barra accompanhavam os dois barcos o sr. Marianno de Carvalho, o chefe do departamento maritimo e o piloto mór.

Eram tres horas da tarde quando começaram as experiencias. Os dois barcos salva-vidas adeantaram-se para o mar, indo ao encontro das ondas mais embravecidas, com tanta persistencia que chegaram por momentos a aterrar a multidão, que assistia a este espectáculo.

Os barcos sumiam-se de vez em quando nas grandes cavidades das ondas. O salva-vidas antigo galgava essas ondas como uma casca de noz, o salva-vidas Relvas *jurava-as*, batendo-se com ellas, e sabindo sempre triumphante do combate, apezar de ter quebrado n'um dos encontros a canna do leme.

Duraram uma hora estas experiencias, que mostravam as vantagens incontestaveis do salva-vidas Relvas, sobre o salva-vidas antigo, e de volta á cantareira, o sr. Relvas sujeitou o seu barco a uma nova experiencia, que mais eloquentemente ainda provou a excellencia da sua invenção. Fez voltar o barco, que tornou immediatamente á sua posição natural, o que demonstra que mesmo no caso das ondas o voltarem, os tripulantes não correm perigo algum, agarrando-se aos arcos de ferro, visto que elle volta logo á primitiva posição.

E assim terminaram o mais satisfatoriamente possivel para o seu illustre inventor, as experiencias do salva-vidas Relvas, que a nossa gravura representa em varias posições, e que em 7 de novembro findo foram presenciadas na Foz do Douro, pela commissão official, pela imprensa e por muitas pessoas convidadas, que assistiram a ellas a bordo do rebocador *Victoria*, e pela grande multidão que enchia as duas margens do rio.

Carlos Relvas conseguiu o seu fim: depois de prestar grandes serviços á arte, prestava serviços á humanidade, depois de ser um grande artista era um glorioso benemerito!

Gervasio Lobato.

O ALTO CONGO E AS ESTAÇÕES DE STANLEY

(Continuado do n.º 17)

Antes de fazer a descripção do lago Stanley e dos seus habitantes precisamos apresentar alguns dados estatísticos, relativos a este extraordinario alargamento do Congo. A sua extensão é de vinte e cinco milhas, ou cerca de oito leguas e meia por dezesseis milhas, ou cinco leguas e meia de largura. A profundidade varia de sessenta ou noventa centímetros até cincoenta e tantos metros.

Devemos ainda notar que n'este grande lago existem dezeseite ilhas, das quaes a maior não mede menos de treze milhas ou mais de quatro leguas de comprido. Muitos bancos de areia semeiam o lago, e vêem-se de onde a onde ilhas fluctuantes, formadas por massas de caniços, papyrus e outros vegetaes aquaticos, que chegam a tomar tal consistencia que um homem se pôde manter perfeitamente em cima d'ellas. Apresentam-se algumas com tal extensão que ao principio se tomam por verdadeiras ilhas, enquanto se não percebe o seu movimento pela corrente. Aves de diferentes especies e grandezas as frequentam, e os hippopotamos folgam em torno d'ellas.

Nas grandes ilhas ha muitos elephantes e bufalos os quaes nadam com toda a facilidade para o continente. As diferentes aves de formas diversas e cores variadas, pousadas pelos corutos das erveiras, ou pelos bancos de areia, formam grupos estranhos com os crocodilos, que se estendem para gozar do calor do sol, fazendo uma especie de careta com as maxillas cerradas. As aves não lhes tem medo, porém estando pelo meio d'elles cobiando com os bicos suas pennas graciosas, parecem meditar no contraste entre as suas formas delicadas e a hedionda e estranha figura d'estes monstros que jazam á roda. Seria na realidade o mais curioso dos quadros, o delicado e o grotesco ao lado um do outro.

A gente que habita as margens do lago pertence á raça Ba-téké, mas parece serem alli adventicios e de recente data, e haverem desapossado dos seus territorios os antigos habitantes, impellido-os para o interior. Aonde os Ba-tékes tem residido pelas margens meridionaes ou orientaes do Congo, alli formam apenas colonias ribeirinhas e nunc a estendem os seus estabelecimentos por muitos kilometros além d'essas margens.

Os principaes chefes dos arredores do lago são Bab-Njali, o senhor da terra de De Brazza, que governa sobre Míwa e a parte inferior do curso do impetuoso rio Gorden-Bonett; Ngaliena, o chefe de Ntamo e dos territorios que cercam Leopoldville; tres potentados mais importantes perto de Kinshasha, dos quaes um, Bankua, é muito adverso aos europeus; e finalmente ha outro chefe muito poderoso, que felizmente pensa de maneira diferente, em Kimpoko, onde a expedição possui uma florentissima estação.

Ngaliena é o chefe com quem Stanley tem estado mais em contacto, porque Leopoldville está edificada em terreno que lhe foi comprado, e é elle o mais proximo, mas não o mais agradável visinho da estação. Ao principio pretendeu mostrar-se arrogante, mania de que se desceu quando reconheceu a impotencia das suas cento e cincoenta espingardas, para intentar um ataque contra Leopoldville; agora porém tornou-se um supplicante queixoso, um visinho mal-humorado, ou um astuto intrigante. É homem de caracter notavelmente forte, e foi outr'ora escravo fugidisso. A sua cidade de Ntamo, ou Kin-tamo (o prefixo *Ki* quasi significa *districto*) foi fundada por elle e tem-se até aqui enriquecido pelo commercio do marfim. Quasi todo o marfim exportado pelos Ba-lansi vem ao seu mercado e passa pelas suas mãos para Lutété e São Salvador.

É claro de perceber que a descripção e observações que temos resumido e seguido são de um inglez; por isso não deve espantar, que pinte com tão bellas cores, o que se refere a Stanley e á empresa que tem dirigido, e procure denegrir o que se refere a Brazza.

Por outro lado, informações de origem franceza, dão a empresa de Brazza em via de prosperidade e completamente abortada a de Stanley.

Não julgamos verdadeira nenhuma das versões, e se algumas informações mais positivas temos a respeito dos preparativos e passos do italo-francez é porque sendo resolvidos e seguidos pelo governo de uma nação constituida, os periodicos d'ella dão conta de tudo, ou da maior parte do que se faz, enquanto a empresa de Stanley, emprehendida por conta de uma sociedade a *Internacional africana*, que nos começou, de certo tempo, a apparecer como que envolvida em um véu mysterioso, carregado de sombras, sem que

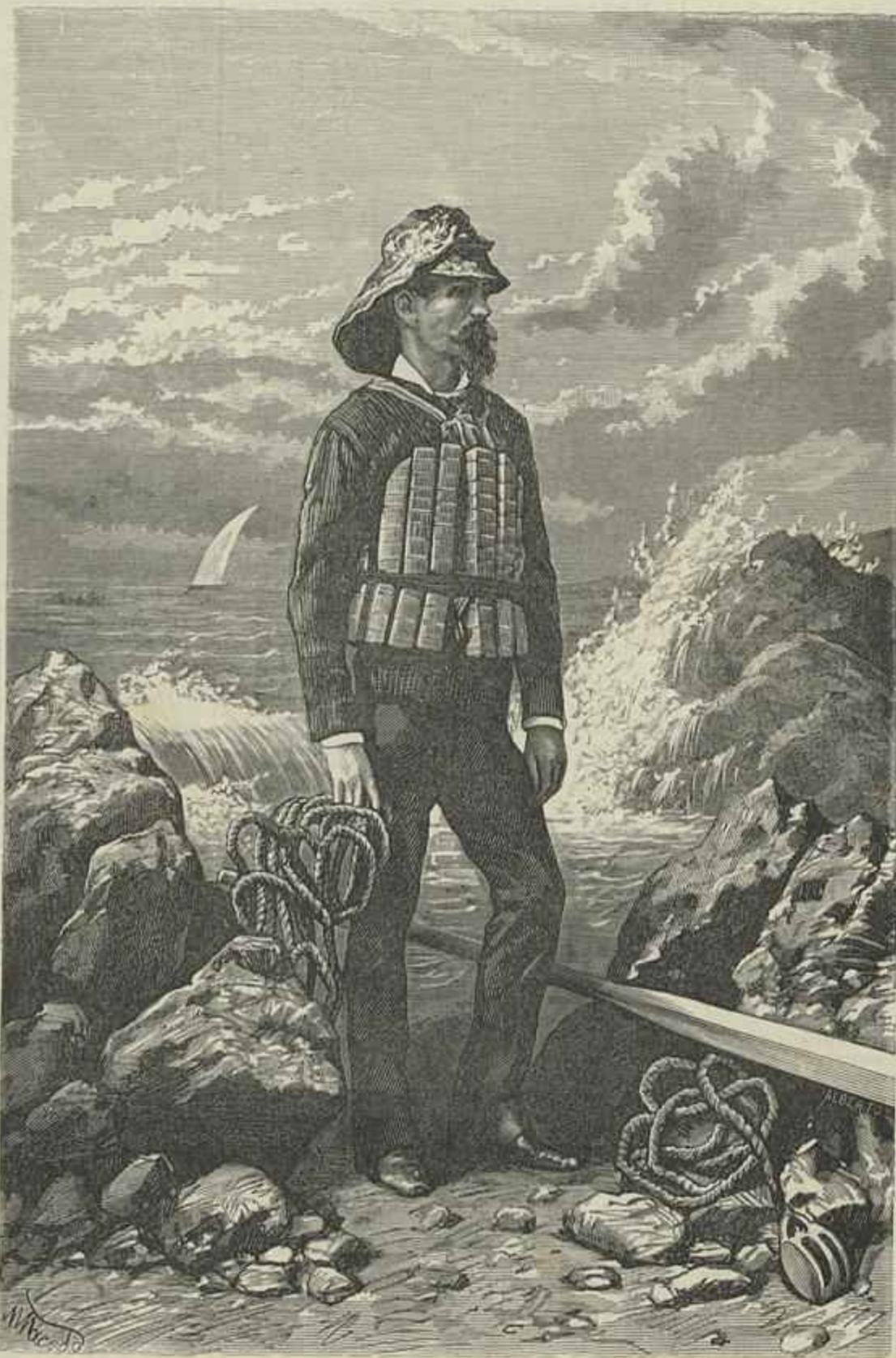
se perceba distinctamente como, porque e por conta de quem obra, só por vias diversas podemos ter d'ella alguma noticia.

Sabe-se que Stanley estabeleceu já umas dezoito, entre estações e missões, das quaes, ou da maior parte d'ellas, indicámos a posição e importancia. O viajante, que seguimos, incumbiu-se de nos mostrar a pouca sympathia, em geral, dos indigenas pelos seus novos hospedes e futuros do-

minadores. Por emquanto parece que Stanley se não tem considerado sufficientemente forte para impor a sua vontade aos vizinhos de côr, mas com as espingardas, artilharia, barcos de vapor e todo o material de guerra que para alli constantemente se expede, não tardará muitos annos que, em vez de pagar o tributo, que hoje paga aos chefes negros, que dominam as estradas, seja elle quem lhes imponha respeito, e exija tributos.

Ha quasi quatro seculos que nós descobrimos o Congo ou Zaire, e logo começámos a tractar com seus habitantes, a procurar policia-los, trazendo-os á fé catholica, e procurando introduzir entre elles as sementes da civilização.

As primeiras expedições que para alli partiram de 1491 em diante levaram missionarios, officiaes de diversas artes e officios, e homens capazes de introduzir a civilização n'aquelle paiz selvagem.



CARLOS RELVAS COM O COLLETE SALVA-VIDAS (Segundo uma photographia de Carlos Relvas)

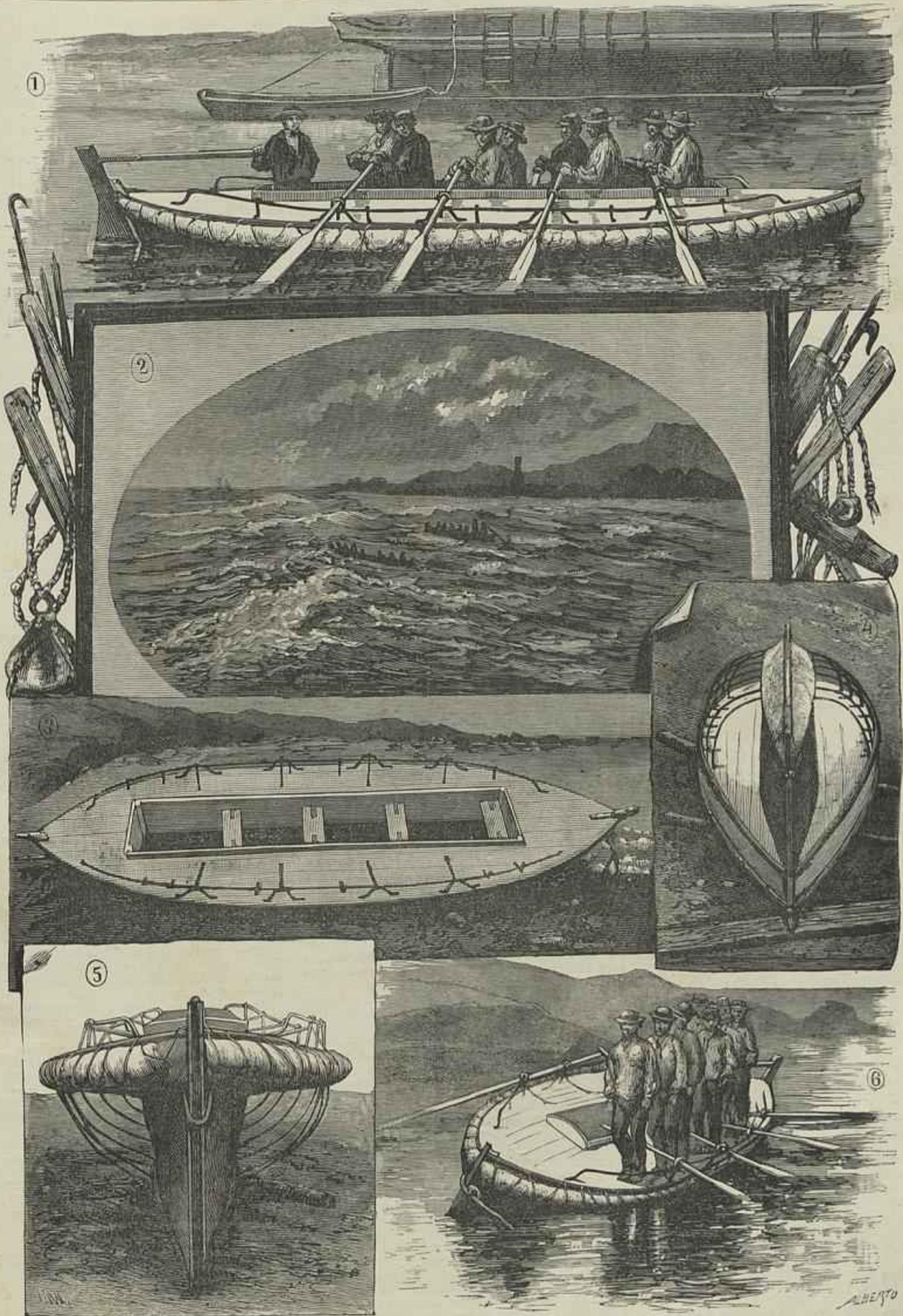
À custa da fazenda de Portugal eram trazidos para o reino parentes do rei do Congo, e alguns subditos a fim de serem educados, e depois de recebida a instrução necessaria eram de novo reconduzidos ao seu paiz, para cooperarem com os brancos no derramamento da cultura intellectual e moral. Construções importantes, de que ainda restam vestigios (veja-se pag. 72 do nosso 5.º vol. e o artigo, major João Carlos Ribeiro) foram levantadas n'aquelle solo, cedido de bom grado aos portuguezes, pelos seus chefes, que ainda hoje se consideram subditos de Portugal; e este pequeno

paiz que não houve ponto de terra, onde não se assignalasse por um acto civilizador, não teve que empregar n'essa região os meios energicos, que lhe foi mister empregar no *Maghreb-el-aksá*, na costa oriental da Africa, ou na India, onde encontrou os musulmanos dominando ou influindo, que eram os inimigos tradicionaes da sua raça e crença.

Durante seculo e meio o dominio portuguez no Congo, foi effectivo e proficuo, e depois d'isso se os males e infortunios da nação fizeram afrouxar um pouco a acção civilizadora que a tinha dirigido

n'essa empresa, nunca impediram que o seu dominio e soberania se exercesse, fosse invocada e solicitada, ainda pelas grandes e poderosas nações da Europa, quando ainda ao verdadeiro direito se não tinha substituido o direito da velhacaria.

Primeiro os mercadores de Manchester, com o desplante da mais supina ignorancia, depois os deputados inglezes, não menos ignorantes que elles, finalmente escriptores sophistas, com o prurido de uma falsa argumentação, todos pretendem e tem pretendido oppôr o direito das suas conveniencias ao indisputavel direito do nosso primado.



SALVA-VIDAS RELVAS (Segundo photographias de Carlos Relvas)
 1 VISTA DE PERFIL. — 2 SALVA-VIDAS RELVAS NA EXPERIENCIA OFFICIAL. — 3 VISTA DE PLANTA. — 4. VISTA DE QUILHA. — 5 VISTA DE PROA.
 6 PRIMEIRA EXPERIENCIA.

Os francezes desembarcam, offendem os negociantes e os indigenas confiados na nossa bandeira, e querem substituir a esta a da republica. — Stanley, ingrato para com a hospitalidade e auxilios portuguezes, contradizendo-se escandalosamente, ousa acoar-nos de fautores da escravatura, nós que fomos os primeiros a abolil-a, quando no seu paiz ainda se tolerava, nós que até durante o tempo em que ella durou, fomos os mais benignos senhores...

Mas cerremo-nos por aqui. O que vemos é uma vasta conspiração contra nós. O general Goldsmith, inglez, vai ao Congo, não se sabe por conta de quem, mas dá ordens, depõe empregados, e exerce atribuições que parecem superiores, volta e informa a *Internacional africana*, do que viu e é preciso fazer. Aquella sociedade, descontente de Stanley, diz-se que o vai fazer substituir por Baker-pachá, inglez; agora já se diz que irá o general Gordon, inglez tambem. Sempre o inglez, ou o francez deante de nós. — O governo inglez arasta á cerca de quarenta annos, a conclusão de um tratado comnosco, não a respeito da nossa indisputavel soberania, mas a respeito do modo de a exercer em certos pontos.

Eis o estado em que estão os negocios do Congo. Precisamos, pois, vigilancia e firmeza, e já que não podemos, porque não queremos, manter o nosso direito pela força, sustentemol-o pela dignidade, que é o que esquecem muitas vezes as grandes nações, mas que jámais devem esquecer as pequenas.

(Continua)

J. B.

O MOSTEIRO DE AROUCA

(Continuado do n.º 151)

IV

O MOSTEIRO

O testamento da infanta, redigido no mesmo anno em que morreu, tem a data de 1256. Vem elle transcripto por inteiro no tomo I das *Provas da Historia Genealogica*, pag. 31, e eu tive occasião de manusear de espaço o original no archivo da Torre do Tombo, onde actualmente se guarda (1), trazido de Arouca por Alexandre Herculanio, junto com muitos outros manuscritos curiosos e interessantes. É muito extenso e escripto em latim; n'elle contempla com o mosteiro de Bouças a Ordem do Hospital, que a servira nas luctas contra o irmão: *totam haereditatem meam de Baucis cum ipso Monasterio*; pede para ser enterrada no mosteiro de Arouca: *quod Monasterium, et haereditatem dedit, et dimisit mihi Pater meus, et Mater mea*; deixa muitas reliquias famosas ao convento, entre ellas um dente de S. Pedro e a maxilla inferior de S. Braz com tres dentes ainda; faz larga copia de doações; e nomeia testamenteiros D. Urraca Sanches, sua irmã, D. Eldara, abbadesa de Arouca e sua parente, o Prior dos Freires prégadores do Porto e o guardião dos Freires menores do mesmo logar. Por fim, data-o, como já disse, da era de 1294 (anno 1256).

Eis pois um documento original, e perfeitamente legível, que invalida por completo a ingenua lenda do *letreiro*.

Na mesma Torre do Tombo encontrei ainda dois outros manuscritos, que lançam alguma luz sobre a questão: duas cartas patentes de Affonso II, na primeira das quaes manda o monarcha metter de posse o mosteiro de Arouca da igreja de S. Salvador de Bouças, mosteiro e herdades respectivas, e da villa de Villar de Lando, que lhe deixou, — *quæ ibi dimisit*, — por morte e testamento a rainha D. Mafalda (2); e na segunda dá ao mosteiro as dividas que deviam, — *quæ debebant*, — á rainha D. Mafalda, sua tia, em Bouças, Cabanaes e Antões (3). Tem aquelle a data da era de 1294, e este de 1295; quer dizer: um d'estes documentos foi dado a lume no proprio anno do fallecimento de Mafalda, e o outro no anno immediato, o que é perfeitamente coherente e provavel; quando mais que, anteriormente ao anno de 1256, escriptura alguma publica ou particular se encontra, na qual se alluda, directa ou indirectamente, ao passamento da rainha.

Não ha duvida de que a santa princeza falleceu em 1256. Em o *primeyro dia de Payo do anno de 1256 faleceo em Arouca a inclyta e Santa Rainha Dona Mafalda, filha del-Rey D. Sancho I de Portugal*. Assim ficou em memoria do livro dos

Obitos de Santa Cruz de Coimbra, e se colhe das Escrituras do Mosteyro de Arouca, as quaes todas deste anno em diante suppoem morta a mesma Rainha (1). E n'este ponto Brandão escreveu manifestamente equivocado e em contradição com a verdade, verdade aliás por elle mesmo declarada em outro periodo do mesmo cap. XXI, e que foi ter a infanta morrido em Rio Tinto. Infelizmente, não é este o unico facto em cuja citação deparo no erudito Dr. com bem claras provas da sua precipitação no escrever, pelo menos, alguns capitulos da sua obra monumental. Já atraz fallei do erro evidente na data de 951 de J. C., por elle attribuida á doação do mosteiro por Ansur e Eleva ao frade Hermenegildo, e que tanto pôde ter sido filho de uma revisão descurada, como de leviandade no calculo feito pelo auctor. Mas n'um outro erro, e bem pouco desculpavel, o encontrei eu ainda, a meu pesar. Depois de afirmar que D. Mafalda reformara o mosteiro, diz elle, empunhando sentencioso a ferula do correctivo, que Duarte Nunes de Leão attribue erroneamente aquella excelsa princeza, não a mera reorganização, mas a propria fundação do convento. Ora isto é simplesmente falso; é uma baixa calumnia malignamente assacada á probidade litteraria do nosso tão classico chronicista; porque este, falando da casa religiosa de Arouca e da infanta, diz: *que ella de novo fundou*.

Diz Pinho Leal que a rainha falleceu em 1 de maio de 1290, contando mais de 90 annos (!). Ora eu não devo deixar passar sem justa reprimenda esta grossa falsidade. Aquella data de 1290 nem é certa se a referirmos á era vulgar, o que parece ter sido o pensamento do auctor, nem tão pouco se a quizermos tomar como representando a de Cezar. É simplesmente attribuida ao epitaphio, e redondamente falsa, como já se demonstrou. Igualmente falsa é a conta dos annos de vida da santa; pois, ainda quando ella houvesse sido, que não foi, o primeiro fructo do enlace matrimonial de Sancho I, realisado em 1184, não poderia ao tempo da sua morte ser eva de mais de 81 annos. Vae com sobrescripto aos ingenuos esta friante prova dos muitos anachronismos que maculam esse famoso embroglio, titulado *Portugal Antigo e Moderno*. Mais alguns apontarei ainda gostoso, em prol da Verdade, no decorrer d'este estudo.

Do nascimento da infanta é que não colhi indicação alguma precisa, nem mesmo em D. José Barbosa, no seu *Catalogo das Rainhas de Portugal*.

Como a infanta se finou em cheiro de santidade, não tardou que lhe voejassem bastas em torno da memoria as lendas milagreiras e piedosas. Cedamos o passo na descripção de algumas d'ellas ao elegante Brandão, com vantagem manifesta para o leitor.

«Muytos annos esteve o corpo d'esta Santa Rainha naquella sepultura, e correndo o anno do Senhor de 1616 huma Religiosa por nome Violante de Moura, teve devoção de saber se estava ali o seu corpo, e o estado em que estaria, e assim em companhia de seis Religiosas, ... abrio a sepultura, e achou o corpo da Rainha inteiro envolto em um sendal de tafetá pardo, o qual estava são; e descobrindo o sendal acháráo o corpo da Santa Rainha como de pessoa que estava dormindo, o rosto composto, e as mais partes do corpo inteiras, aindaque a carne se via algum tanto mirrada. Isto me referirão as mesmas Religiosas que se acháráo presentes, e concorreo depois o convento que foy testemunha de tudo. Na mesma forma appareceu o corpo da Santa Rainha em o anno seguinte de 1617, no qual o catholico Rey D. Philippe III, tendo noticia do caso, mandou ao Bispo de Lamego, que então era D. Martim Affonso Mexia, o qual depois morreo Bispo Conde de Coimbra, e Governador deste Reyno, que fosse tirar informação do que passára. Hum dos Congos que assistio com o Bispo quando se abrio o sepulchro se sentio melhorado de humas dores de cabeça que o atormentavão, e sendo perseguido deste mal a miudo, daquelle dia por diante não sentio mais semelhante molestia. Huma Religiosa por nome Maria de Barros em o mesmo dia em que se abrio a sepultura da Santa Rainha sárou de dous inchaços perigosos que tinha na garganta, e peyto esquerdo, e attribue esta saude á intercessão da mesma Rainha, a quem n'aquella occasião se encomendou de coração. O mesmo aconteeço passados alguns dias a huma Religiosa ancian chamada Maria Leytoa, que chamando pela Santa Rainha D. Mafalda, se sentio sã subitamente de outro inchaço grande que tinha na cabeça detrás da orelha direyta. Melhorou-se a sepultura da Rainha, e ordenou-se hum monumento de pedra branca em que se depositou seu corpo, e sobre elle se esculpio huma sua imagem ao natural, em

que se vê a fermosura, e modestia de que foy dotada.» (1)

Agora Bernardo de Brito: *Então (1617) se lhe achou o corpo incorrupto e muy cheiroso...* (2); e n'outra passagem: *Hua Religiosa chamada D. Vilante de Sousa, que era cellareyra da casa, se achou hua vez tao falta de azeite para gasto do Convento, que não tinha as talhas cousa que bastasse para dous dias, e indo-se ella diante da sepultura da Santa Rainha, lhe pediu soccorro, rezando os sete Psalmos Penitenciaes, e levantando-se dalli cheia de confiança quando foy á casa do azeite, achou as talhas transbordando pelo chão, e teve azeite para muytos mezes sem nunca lhe faltar até á novidade* (3). N'outro ponto ainda, refere que D. João V foi particular devoto da santa.

Tratou-se pelo tempo adeante, como era natural, da beatificação da princeza; activando-se sobremaneira em 1704 as negociações a tal respeito, por occasião da beatificação das irmãs, que então teve lugar. Formaram-se-lhe processos da vida e dos milagres, mandou-se-lhe pintar a imagem, e o pontifice Clemente XI deu boas esperanças de conclusão do que lhe requeria o procurador da causa junto á Curia, o Dr. Frei Bernardo de Castello Branco, depois Geral da Congregação de S. Bernardo. Porém, tendo mandado o pontifice fazer a ultima diligencia ao mosteiro, sobrevieram algumas *discenções e differenças*, não resultantes de mancha descoberta no resplendor da infanta, e por esse motivo nada então se adeantou. Mais tarde, perseverando no empenho os mosteiros de Lrvão e Arouca, obtiveram finalmente de Pio VI a beatificação almejada, por breve de 27 de julho de 1792.

Não me poupei a enfadonhas pesquisas para vêr se descobria e podia examinar este breve, sem que infelizmente lograsse conseguir o meu empenho. Parece que tão precioso documento se extraviou, ou foi roubado. O mais natural era que elle existisse no cartorio do mosteiro, para onde parece que deveria ter sido enviado de Roma; ahí o procurei debalde.

Recorri depois ao archivo do bispado de Lamego, a cuja diocese pertence o mosteiro de Arouca, e nada encontrei, nem o original, nem copia alguma. Por ultimo, em Lisboa, em vão na Torre do Tombo manuseei tambem o indice da sua valiosa collecção de bullas e breves pontificios, sem de tal exame haver adquirido mais que um completo desengano. Parece portanto que não existe hoje, pelo menos nos lugares proprios, o documento comprovativo da canonisação de Santa Mafalda.

D'esta falta, é licito pôr-se em duvida a referida canonisação?... Não é; porque dão rasão d'ella de sobejo: o culto publico que se presta á santa annualmente com toda a pompa, nos dias 1 e 2 de maio, no seu mosteiro, e que, a não estar devidamente auctorizado, não seria consentido; uma nota, existente no cartorio do convento, do dinheiro gasto com a *função da rainha Santa* em 1792, do qual transcrevo ao deante algumas das verbas mais curiosas, e uma das quaes consta da *despeza feita em Roma com a beatificação da Santa, breve do SS. Padre*, etc.; o facto mesmo da celebração pomposa d'essa esplendida festividade, a que assistio o proprio bispo de Lamego; e uma bulla do mesmo papa Pio VI, que se guarda no archivo de Arouca, permitindo ás *religiosas, aias, creadas e mais recolhidas irem enfeitar os altares no dia da festividade da Santa*.

E pois indubitavel que as virtudes da rainha Mafalda tiveram n'este mundo a consagração da divindade.

O sr. Antonio Ennes, no volume de *Historia de Portugal* que escreveu para a Empreza Litteraria de Lisboa, sem duvida menos bem informado, não a dá por canonisada. E a este respeito ainda, ou sou o incorrigivel sr. Pinho Leal perpetrar um dos mais crimosos anachronismos, que lhe conheço. Diz que a rainha foi canonisada por Pio VI a 10 de janeiro de 1734... isto, quando o mesmo Pio VI ascendeu ao solio pontificio apenas em 1775!... Teria elle talvez, — quem sabe? — a faculdade de publicar breves com effeito retro-activo.

(Continua)

Abel Acacio.

SALVADOR CORREA DE SÁ BENEVIDES

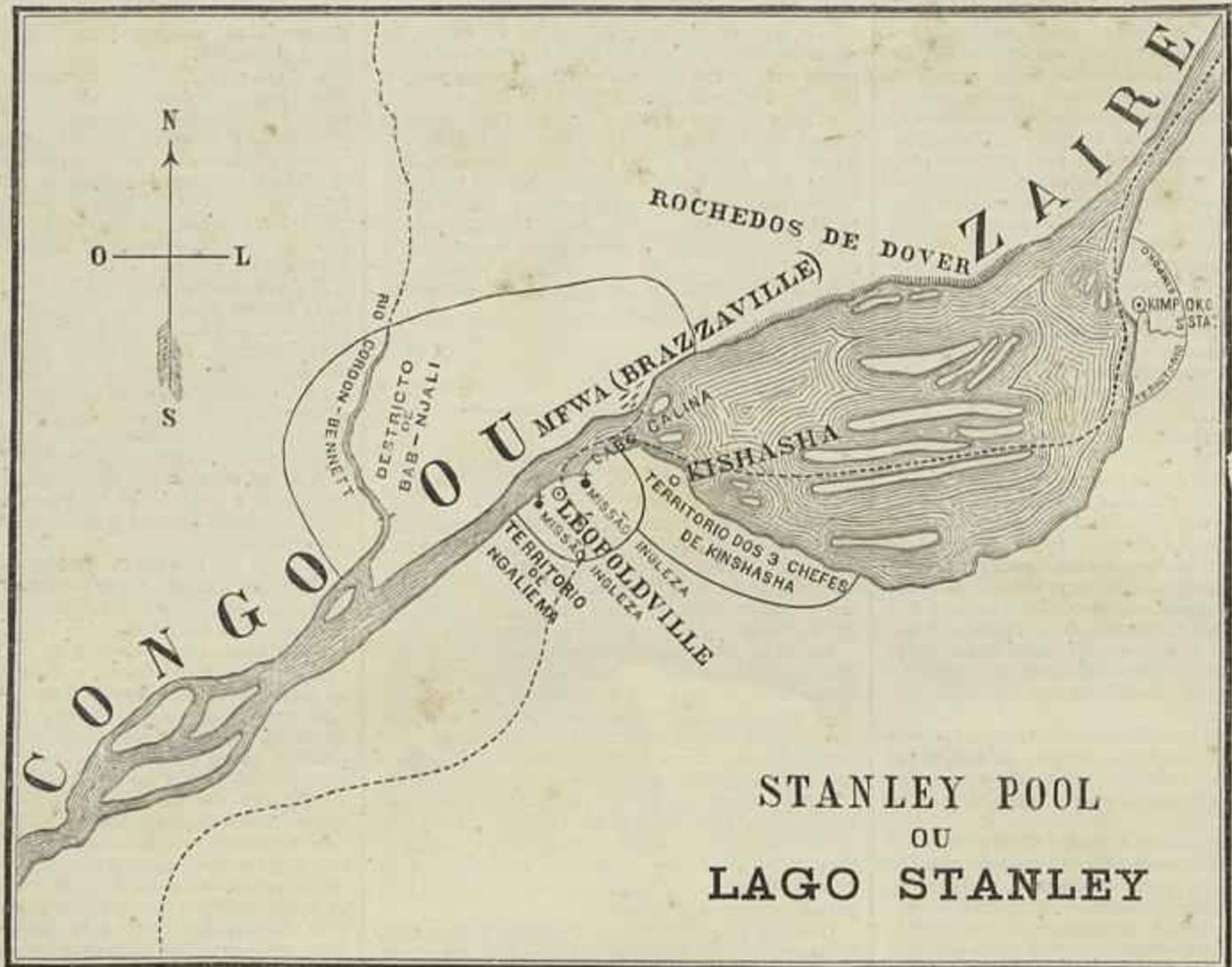
(Continuado do n.º 179)

Aproveitando as dissensões a que deram logar as invasões hollandezas, haviam alguns chefes e

(1) Gav. 3.ª, maç. 3, n.º 2.
(2) Gav. 2.ª, maç. 8, n.º 6.
(3) Gav. 1.ª, maç. 1, n.º 1.

(1) *Monarchia Lusitana*. — Liv. xv, cap. xxi.

(1) *Monarchia Lusitana* — Liv. xv, cap. xx
(2) *Chronica de Cister* — Liv. vi, cap. xxxvi.
(3) *Ibid.*



Vide artigo — Alto Congo e as estações de Stanley.

para D. Francisco da Costa, no registo official está aquelle nome; na lista dos ecclesiasticos faltam *Fr. Miguel dos Santos*, da ordem de Santo Agostinho e *Fr. Estevão Pinheiro*, da ordem do Carmo, e todos os mais religiosos de qualquer ordem que sejam, que no dito levantamento e tirania de *D. Antonio* se acharem notavelmente culpados; contra os quaes ecclesiasticos Filippe se desencadeia por modo muito especial. Por carta porém de Lisboa a 10 de setembro de 1582, Filippe muito bem aconselhado, promulgou novo perdão geral, do qual só ficaram excluidos o prior do Crato, *D. João*, bispo da Guarda, *D. Francisco de Portugal*, *Manoel da Silva*, *D. Antonio de Menezes*, *Diogo Botelho*, *João Rodrigues de Sousa*,

Antonio de Brito Pimentel, e *Duarte de Castro*, e assim todos os religiosos exceptuados do primeiro, que residam fóra de Portugal e Hespanha; manda soltar todos os presos e que se não proceda mais contra elles, etc. Parece que este facto é um tanto desconhecido, quando não, não se podia julgar mal do procedimento futuro de alguns individuos. Houve depois os perdões especiaes á Ilha Terceira, a Villa Franca, da Ilha de S. Miguel, aos habitantes da Ericeira, por causa do pretendido rei, etc., etc. Em todo o caso o livro do sr. Camillo, além do grande merecimento do estylo e linguagem, tem o de conglobar certos factos dispersos e que ao geral dos leitores não é facil estudar.

CHARADA

Se acaso acentuar
Quarta letra, com certeza,
Ha de na China encontrar. — 3

E affirmo-lhe, por meu brio,
Que trocando quarta letra
Em casa a encontra, ou no rio. — 2.

Agora para final
Se deseja ver o todo
Busque o reino vegetal.

Explicação do enigma do n.º 180:
Cada um para o que nasceu.

Administração do OCCIDENTE, Rua do Loreto, entrada pela Rua das Chagas, 42, 1.º — Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Gabinete de Leitura

ROMANCES ILLUSTRADOS DE TODAS AS NAÇÕES

SEMANARIO DAS FAMILIAS

50 RÉIS — CADA SEMANA — 50 RÉIS

EM LISBOA E NAS PROVINCIAS

Este semanario publica romances escolhidos nacionaes e traduzidos de todas as litteraturas conhecidas.

TRADUCÇÕES DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

Illustrações de Manuel de Macedo

Recebem-se assignaturas em casa dos editores Caetano Alberto & Faro, Rua Oriental do Passeio, 8 a 20, e na EMPREZA DO OCCIDENTE, Rua das Chagas, 42.

Para as provincias podem-se fazer assignaturas por séries de 13 numeros — 650 reis.